

SIMPÓSIO AT094

DAS POSSIBILIDADES DE SE OUVIR UM QUADRADO: A AUDIODESCRIÇÃO NOS POEMAS VISUAIS

GOMES, Marcia de Oliveira
Instituto Benjamin Constant
prof.marciagomes@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo propor uma sequência didática para o processo de ensino e aprendizagem do gênero poema visual para alunos com perda parcial ou total da visão do ensino fundamental. Com base nos estudos de Araújo (2017) e Praxedes Filho & Magalhães (2013), compreende-se a Audiodescrição (AD) como uma modalidade da Tradução Audiovisual Acessível, que transmuta o signo não verbal em verbal, propiciando a pessoas com deficiência visual acesso a produtos de cunho imagético das diversas esferas socioculturais. Desse modo, para construir a sequência didática (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), conjunto de atividades elaboradas para a apreensão de um gênero textual, audiodescrevemos poemas visuais, selecionados dos compêndios da literatura brasileira, utilizando uma linguagem literária, de modo a preservar a estética do texto. Após a produção do material, o mesmo foi testado por um consultor cego a fim de se garantir a qualidade da audiodescrição. Percebeu-se nesse processo que o tom literário da AD, advindo da seleção lexical, construções metafóricas e arranjos sonoros ou sintáticos, foi fundamental para recriar a experiência poética no contexto didático. Com essa proposta buscou-se demonstrar uma, entre tantas possibilidades, de se trabalhar gêneros visuais nas aulas de língua portuguesa com alunos cegos e com baixa visão em uma perspectiva inclusiva.

Palavras-chave: Audiodescrição; Deficiência visual; Sequência didática; Poema visual.

Abstract: This work aims to propose a didactic sequence for the teaching and learning process of the visual poem genre for students with partial or total loss of the vision of elementary education. Based on the studies by Araújo (2017) and Praxedes Filho & Magalhães (2013), the Audiodescription (AD) is understood as a modality of Accessible Audiovisual Translation, which transmutes the non-verbal sign into verbal, providing visually impaired people access to products of an imagetic nature of the various sociocultural spheres. Thus, to construct the didactic sequence (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), a set of activities elaborated for the apprehension of a textual genre, we audiodescribe visual poems, selected from the Compendium of the Brazilian literature, using a literary language in order to preserve the aesthetics of the text. After the production of the material, the same was tested by a blind consultant in order to guarantee the quality of the audiodescription. It was perceived in this process that the literary tone of AD, arising from lexical selection, metaphorical constructions and sound or syntactic arrangements, was fundamental to recreate the poetic experience in the didactic context. This proposal aimed to demonstrate one, among many

possibilities, of working visual genres in Portuguese language classes with blind and low vision students in an inclusive perspective.

Keywords: Audio description; Visual impairment; Didactic sequence; Visual poem.

Introdução

*Poema é coisa de ver,
é coisa sobre um espaço,
como se vê um Franz Weissman,
como não se ouve um quadrado.*
(João Cabral de Melo Neto)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) propõem que as aulas da disciplina proporcionem ao educando um aprimoramento do domínio discursivo, mediante a pluralidade de situações comunicativas de uso da linguagem, a fim de promover sua real integração ao mundo letrado. Para este trabalho, partimos de uma manifestação artística, a poesia visual, que amalgama palavra e imagem, residindo nesse sincretismo a expressividade de sua estética. Tal escolha se dá por entendermos que, com sua linguagem singular, ela concentra, na forma e conteúdo, ideias, figuras, ritmo, sonoridade, alma, redimensionando o sentir e os sentidos.

Para nós, conhecer e apreciar arte é ser sensível às linguagens e à (re)construção de mundos, o que a torna fundamental na formação do ser enquanto humano, pois fomenta e cria culturas, propicia a reflexão e sensibiliza nosso olhar para a vida. Logo, deve-se possibilitar ao aluno a oportunidade de vivenciar a poesia, investindo em seu repertório de leitura, pois, formando-se leitores, formam-se pessoas críticas, sensíveis e criativas.

Para isso, é preciso cativar os alunos para a leitura de poemas, selecionando-se textos em consonância com seu nível de maturidade linguística e que despertem curiosidade e prazer. A poesia visual se destaca por trazer o ludismo em sua composição, abrigando em si a dinâmica criacionista que exalta o imaginário.

Em se tratando de leitores com deficiência visual, a acessibilidade de poemas, que se estruturam em versos, garante-se pela simples transcrição

para o sistema Braille. A poesia visual, no entanto, apresenta predominantemente, uma subversão da linearidade dos versos e mesmo sua abnegação, valendo-se de recursos topográficos, que não são perceptíveis apenas com a transcrição para o Braille. Assim, retomamos a epígrafe, referente à última criação do renomado poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto (1920-1999), que, por conta de um erro médico, perdeu gradativamente a visão e, com ela, o encanto por sua *ars poetica*, marcada, sobretudo, pela visualidade: se poema é coisa para ver, como torná-lo acessível àqueles que não podem enxergar? Quais as possibilidades de se ouvir um quadrado?

A audiodescrição (AD) aponta caminhos para responder a essas questões. Trata-se de uma modalidade da Tradução Audiovisual Acessível, consistindo na tradução da imagem estática ou dinâmica (signo não verbal) para a palavra (signo verbal) (ARAÚJO, 2017). E como toda tradução, a AD recria subjetivamente o texto original, uma vez que não existe neutralidade nas palavras, estando sua carga semântica presente a cada escolha, conforme o contexto em que se inserem texto, tradutor e interlocutor. (PRAXEDES FILHO; MAGALHÃES, 2013).

O presente artigo apresenta, por conseguinte, um breve recorte da pesquisa desenvolvida por esta autora em sua monografia de conclusão do curso de Especialização em Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição, pela Uece, e se propõe a apresentar, sumariamente, uma sequência didática para o trabalho com poesia visual acessível a estudantes cegos e com baixa visão nas aulas de língua portuguesa, empregando-se uma audiodescrição com linguagem literária, a fim de se demonstrar como tal recurso pode auxiliar no entendimento de poemas visuais por parte dos alunos, de modo que sejam capazes de compreendê-lo, apreciá-lo e produzi-lo, não no intento de se gestarem poetas, mas de se ampliar sua experiência de leitura e escrita e o gosto pela arte.

1. A poética da Audiodescrição

Preliminarmente, a AD se baseava no pressuposto da neutralidade e

invisibilidade tanto do audiodescritor, na elaboração do roteiro, quanto do locutor. Lima (2012), um dos representantes de tal corrente, assim se refere à tarefa desse profissional: “deve áudio-descrever (sic) o que vê; que deve ser uma lente de câmera fiel, isto é, o que chega aos olhos do áudio-descritor deve sair-lhe pela boca, sem qualquer interpretação ou valoração”. Correntes mais atuais, no entanto, reconhecem no caráter tradutório da AD a subjetividade inerente a qualquer escolha linguística, posto que o audiodescritor não é uma *tabula rasa*, mas um sujeito que, de acordo com seu conhecimento sócio-histórico-cultural, perceberá, processará as informações e traduzirá o objeto de uma forma única, pois uma mesma imagem poderá suscitar múltiplos olhares. Ademais, há variáveis que interferem na capacidade de se compreender e interpretar uma obra, que vão desde as habilidades sensoriais, passando pela sensibilidade artística, até o repertório cultural. Assim, é possível aprender não só a ver, mas a experienciar e traduzir, na AD, as multissensações do olhar.

Quando a audiodescrição tem como objeto uma produção artística, o desafio se torna ainda maior, pois não basta relatar aquilo que se vê, a arte precisa ser sentida. Uma poesia, por exemplo, é feita de ideias, sentimentos, técnicas e inspiração, expressas por recursos linguístico-estilísticos, que precisam ser reconstruídos na tradução literária. A tradução de textos literários, entretanto, não é ponto pacífico entre escritores, principalmente no tocante à poesia. Muitos defendem a impossibilidade de fazê-la, em razão da linguagem, fundamentalmente, metafórica, correndo-se o risco de descaracterizá-la e torná-la medíocre, inferiorizando-a (ARROJO, 2007)

Octavio Paz (1971), porém, poeta, tradutor e ensaísta, afirma que tradução e criação seriam “operações gêmeas”, sendo possível recriar-se um poema a partir de sua leitura e interpretação e preservar a pluralidade de sentidos presente em cada palavra, considerando-se a qualidade do tradutor. Assim, para bem traduzir poesia é preciso dominar o fazer poético, transmitindo-se os efeitos expressivos do texto de partida para o de chegada. Na audiodescrição, isso significa perceber de que forma a estética da linguagem não verbal pode se fazer sentir na verbal, por meio do engenho da

palavra e de suas feições, sem necessariamente se criar outro poema, porque há informações a se comunicar, que, às vezes, demandam um plano meramente intelectual, mas tomar emprestada a linguagem poética sempre que possível.

1. A poesia visual em sala de aula

Todo texto possui aspectos quanto à sua estrutura, conteúdo e estilo que o adunam a um gênero textual, sendo incontáveis os gêneros existentes no mundo, dada a diversidade cultural. Para Marcuschi (2003), os gêneros estão sujeitos à ação criativa e às inovações tecnológicas, caracterizando-se como “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”.

Desse modo, no contexto escolar, o trabalho com um gênero textual pode se valer da organização de uma sequência didática que propicie ao aluno a familiarização e o aprendizado do mesmo. Schneuwly & Dolz (2004, p.96) sugerem a sistematização de atividades, que disponham de uma sequência, abrangendo a apresentação do gênero e uma produção inicial de texto, oral ou escrito, para avaliação do conhecimento prévio dos alunos, módulos com atividades diversas, para a compreensão e aprofundamento do tópico e, por fim, uma produção final, como avaliação dos progressos conquistados.

Por conseguinte, para propiciar o entendimento, vivência e fruição da poesia visual por parte de alunos cegos e com baixa visão, propomos uma sequência didática para turmas dos anos finais do ensino fundamental.

1.1 Descrição da sequência didática

Módulo 1: Apresentação do gênero e produção inicial.

1) Sondagem do conhecimento prévio: o professor pode, oralmente, fazer questionamentos para motivar a discussão e o engajamento dos alunos, como: vocês gostam de poesia? Por quê? Para vocês, o que é poesia? O que difere a poesia da prosa? Que recursos linguísticos costumam ser empregados nesse gênero textual? Com que sentidos, as pessoas podem, de maneira geral, desfrutar de um poema?

2) Apresentação do gênero: por meio de exercícios escritos, o professor introduzirá a noção de poesia visual e recursos utilizados para congregar forma e conteúdo, como a disposição gráfica, para a representação da forma ou ideia de movimento, e aspectos referentes à sonoridade, por exemplo. Poemas sugeridos para análise: “Pássaro em vertical”, de Libério Neves e “Primavera”, de Sérgio Caparelli.

3) Produção de texto: sugere-se uma produção inicial em que, inspirado em uma estação do ano, o estudante escreva um poema em que, ao menos, um verso demonstre uma forma ou movimento expresso no seu texto.

Módulo 2: Atividades

Análise de poemas visuais, que propiciem a exploração da estética e da dimensão da linguagem dos textos, percebendo-se outros temas, possibilidades composicionais e estilos. Durante e após a realização dos exercícios, o professor pode enriquecer o processo com informações acerca do contexto de produção e os recursos linguístico-expressivos, empregados nos textos e no gênero de modo geral. Poemas sugeridos: “Lua na água”, de Paulo Leminski, e “Agouro”, de Arnaldo Antunes.

Módulo 3: Análise de poema experimental e produção final

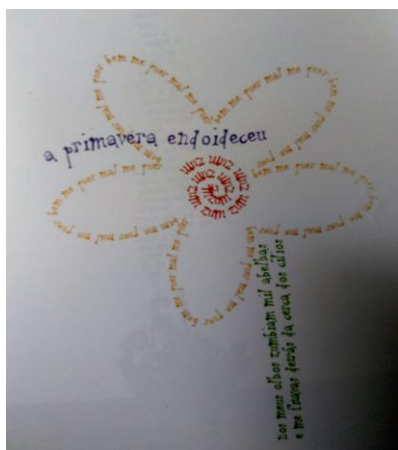
Nesse último módulo, propõe-se apresentar para análise outra face da poesia experimental, com uma estrutura mais aberta, em que ocorra o domínio da linguagem não verbal. Poema sugerido: “Chuva-poema”, de Fátima Queiroz.

Produção final: com tema livre, a forma do poema deve dialogar com o conteúdo. Para criar a parte visual, podem-se utilizar desenhos, recortes de revistas e jornais, materiais com diferentes formas e texturas (como botões, papéis diversos, tecidos, isopor, EVA, entre outros) ou ainda a escrita de letras para representar graficamente a imagem, caso do caligrama, ou para dar movimento aos versos.

Em relação aos poemas utilizados nos módulos, cabe ressaltar que dependendo da complexidade visual do texto, é possível valer-se apenas da transcrição para o Braille ou sua ampliação em tinta ou, ainda, da audiodescrição, nesse caso com uma linguagem literária, com o suporte de um

consultor com deficiência visual para aferir a qualidade da AD. Muitas vezes também é possível reproduzir desenhos simples em pontos de alto relevo, fazendo uso do Monet, um editor gráfico para produção de figuras táteis e da impressora Braille. Segue um exemplo desse trabalho:

Figura 1: Primavera, de Sérgio Caparelli



Fonte: Capparelli, Sérgio; Gruszynski, Ana Cláudia. Poesia visual. São Paulo: Global, 2002.

Figura 2: Foto do poema visual “Primavera” em pontos de alto relevo



Fonte: Própria autora, 2018.

Descrição do poema visual:

Uma flor.

Formam-lhe as pétalas versos de “bem me quer mal me quer”, que se propagam em letras amarelas.

O miolo é uma espiral vermelha, que faz “zum zum zum zum zum zum zum zum”.

No caule, dois versos verticais, em letras verdes, dizem assim: “nos meus olhos zumbiam mil abelhas/ e me fitavas detrás da cerca dos cílios”.

Transpassando as pétalas da flor poética, um verso, em azul, sentença: “a primavera endoideceu”.

Faz-se necessário, porém, salientar que a figura em relevo por si só pode nada significar para a pessoa cega, isso foi perceptível ao testar com um consultor cego a figura 2, sem a AD ou qualquer contexto. Ao ler o título do poema, porém, ele pôde usá-lo como pista textual, aproximando-se do significado visual: ao imaginar referir-se a uma árvore. Segundo o consultor, um desenho em relevo, apresentado sem um contexto para alguém que não enxerga, não faz muito sentido, por se tratar de uma convenção, sendo relevante o auxílio da audiodescrição. Enfatizou, no entanto, a validade de se tê-lo não de maneira gratuita, mas para evidenciar, por meio de outros recursos, aquilo que foi descrito.

Considerações finais

Por fim, este trabalho buscou apontar uma possibilidade de ver poesia, de se ouvir um quadrado, entre aqueles privados parcial ou totalmente da visão, proporcionando com a audiodescrição e outros recursos tecnológicos disponíveis formas de acessibilidade para o trabalho com textos, contendo linguagem não verbal, no contexto didático, visando ao fortalecimento da inclusão escolar e social.

Referências

- ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **Aspectos teóricos e práticos da audiodescrição**. Fortaleza: EdUECE, 2017.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC, 1998.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos nas escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- GOMES, Marcia de Oliveira. **Fazer sem ti não faz sentir: a audiodescrição na poesia visual**. 60f. Monografia. (Especialização em Tradução Audiovisual Acessível/Audiodescrição). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- LIMA, Francisco J. & LIMA, Rosângela A. Ferreira. Lições basilares para a formação do áudiodescritor empoderativo. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, 11, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel ; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- PAZ, Octavio. **Traducción: Literatura y Literalidad**. Disponível em: <http://www.occt.ox.ac.uk/sites/default/files/paz_literatura_y_literalidad.pdf>. Acesso em: 02 set. 2018.
- PRAXEDES FILHO, Pedro Henrique Lima. MAGALHÃES, Célia Maria. A neutralidade em audiodescrições de pinturas: resultados preliminares de uma descrição via teoria da avaliatividade. In: Vera Lúcia Santiago Araújo; Marisa Ferreira Aderaldo. (Org.). **Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil**. 1ed. Curitiba: CRV, 2013.